

No trato com os sofredores

Reunião da noite de 20 de Setembro de 1956.
 Para conforto da nossa equipe de trabalho,
 quem compareceu no horário dedicado às instruções
 foi o nosso amigo espiritual Efigênio S. Vitor, que
 prelecionou, com felicidade e segurança, quanto ao
 impositivo da fraternidade cristã, no trato com os
 Espíritos sofredores.

Nossos modestos apontamentos desta noite
 objetivam acordar-nos a atenção para a responsa-
 bilidade no trato com os desencarnados sofredores,
 transviados em treva e perturbação.

E' imprescindível aplicar a psicologia cristã em
 todas as fases do intercâmbio.

Em várias circunstâncias, essas entidades ja-
 zem extremamente ligadas aos nossos corações.

O obsessor muita vez será o companheiro en-
 ternecidamente querido à nossa alma e que se nos
 distanciou do caminho. Será um pai muito amado
 que nos partilhou a luta em passado próximo...
 Será uma criatura jungida a nós outros, através
 de vínculos preciosos que o pretérito nos restitui...

A amnésia temporária, que nos é imposta du-
 rante a reencarnação, à maneira de supremo re-
 curso da Lei Divina para acomodar-nos a mente
 enfermeira à extirpação dos males profundos que
 nos atormentam a alma, não nos exime da cortesia
 e do respeito para com os seres que nos compar-
 tilham a sorte.

Daí procede o imperativo de muito carinho,
 prudência e ponderação na abordagem das mentes
 desequilibradas que nos visitam.

A sessão mediúnica para socorro a desencar-
 nados padecentes pode ser comparada a uma clíni-
 ca psiquiátrica, funcionando em nome da bondade
 de Nosso Senhor Jesus-Cristo.

O doutrinador ou os doutrinadores são médicos
 e enfermeiros com obrigações muito graves para
 com os necessitados e pacientes que os procuram.

Não podemos esquecer que o desencarnado des-
 sa condição, transportando imensos conflitos em si
 próprio, é assim como a pilha ressecada, com perda
 quase absoluta de potência elétrica, acomelhido-se
 numa pilha nova, carregada de energia — o mé-
 dium a que se ajusta —, fazendo retinir a cam-
 painha das manifestações sensoriais, de modo a
 reequilibrar-se com a eficiência possível.

O médico sensato, frente ao enfermo que lhe
 pede auxílio, decerto não entrará em pormenoriza-
 das indagações quanto a deslizes que terá ele co-
 metido, por infortúnio da própria situação.

Não usará franqueza destrutiva.

Saberá dosar a verdade, veiculando-a através
 da água viva do amor, suscetível de regenerar os
 tecidos lesados por moléstias indefiníveis.

Invocará a essência do socorro divino, que pal-
 pita em toda a Natureza, estimulando-lhe, assim,
 a confiança.

Situá-lo-á no otimismo, na alegria e na espe-
 rança, a fim de que o poder curativo do Criador
 em cada célula viva possa entrar em ação.

E o doutrinador, na assembleia mediúnica, é
 um agente da mesma espécie, atendendo a uma du-
 pla de pacientes, que, no caso, vem a ser o desen-
 carnado doente e o médium que o abriga, pois que
 qualquer golpe vibrado sobre a entidade comuni-
 cante percutirá, de modo imediato, sobre a organi-
 zação perispirítica do instrumento em serviço.

E' por essa razão que, muitas vezes, se o dou-

trinador não se precata contra semelhantes perigos, o medianeiro humano, não obstante amparado por benfeiteiros responsáveis, costuma retirar-se da tarefa assistencial predisposto a perturbações orgânicas, porquanto, entre a organização medianímica que auxilia e o doutrinador que esclarece, se entrosam elos sutis de força, em torno do necessitado que está recolhendo o concurso de que precisa, a fim de refazer-se.

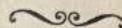
O desencarnado sofredor, no momento em que se comunica, permanece, dessa forma, temporariamente, quase que na posição de um filho espiritual das forças conjugadas do doutrinador e do médium.

Eis aí a razão por que devemos prezar com mais veemência a responsabilidade nos serviços desse teor.

Fazem-se indispensáveis a serenidade e a tolerância. E em qualquer fase mais complexa do esforço protecionista recordemos a oportunidade da prece como medicação inadiável para que a bênção de Mais Alto se registe na obra de solidariedade cristã que nos propomos efetuar.

Não nos esqueçamos, assim, de que na comunhão com as mentes torturadas, já libertas do vaso físico, é imprescindível aprendamos, com Jesus, a servir com paciência e carinho, para que a nossa máquina de trabalho não se resseque, por falta do combustível da humildade e do amor.

EFIGÉNIO S. VÍTOR



65

Em prece

Atingiramos a reunião da noite de 27 de Setembro de 1956, marcada pelos nossos Instrutores para fixar o término da segunda série de mensagens psicofônicas recolhidas em nosso grupo e destinadas à constituição do presente livro.

Outras tarefas chamar-nos-iam a atenção.

Aguardavam-nos outras atividades, outros setores.

Estávamos, por essa razão, intensamente emocionados, quando Emmanuel, o nosso devotado orientador, tomou a palavra e orou comovidamente.

A sua prece tocante assinalava a conclusão das páginas faladas que integrariam o novo tomo de instruções obtidas em nosso santuário de serviço espiritual.

E foi por isso que, em se fazendo de novo o silêncio, tinhamos lágrimas nos olhos e todos dizíamos, através do verbo inarticulado, de coração alcântado ao Céu: — Benfeiteiros da Luz Divina, Deus vos recompense a tolerância e a bondade!... Preces queridas de nosso templo, fícial conosco! Mensagens de amor e luz, ide ao mundo consolando e instruindo! Noites abençoadas, adeus! adeus!...

Senhor Jesus.

Com a nossa jubilosa gratidão pela assistência de todos os minutos — humildes servos daqueles servidores que te sabem realmente servir —, aqui te ofertamos o nosso louvor singelo, a que se aliam as nossas súplicas incessantes.

No campo de atividade em que nos situas, por acréscimo de confiança e misericórdia, faze-nos sen-